

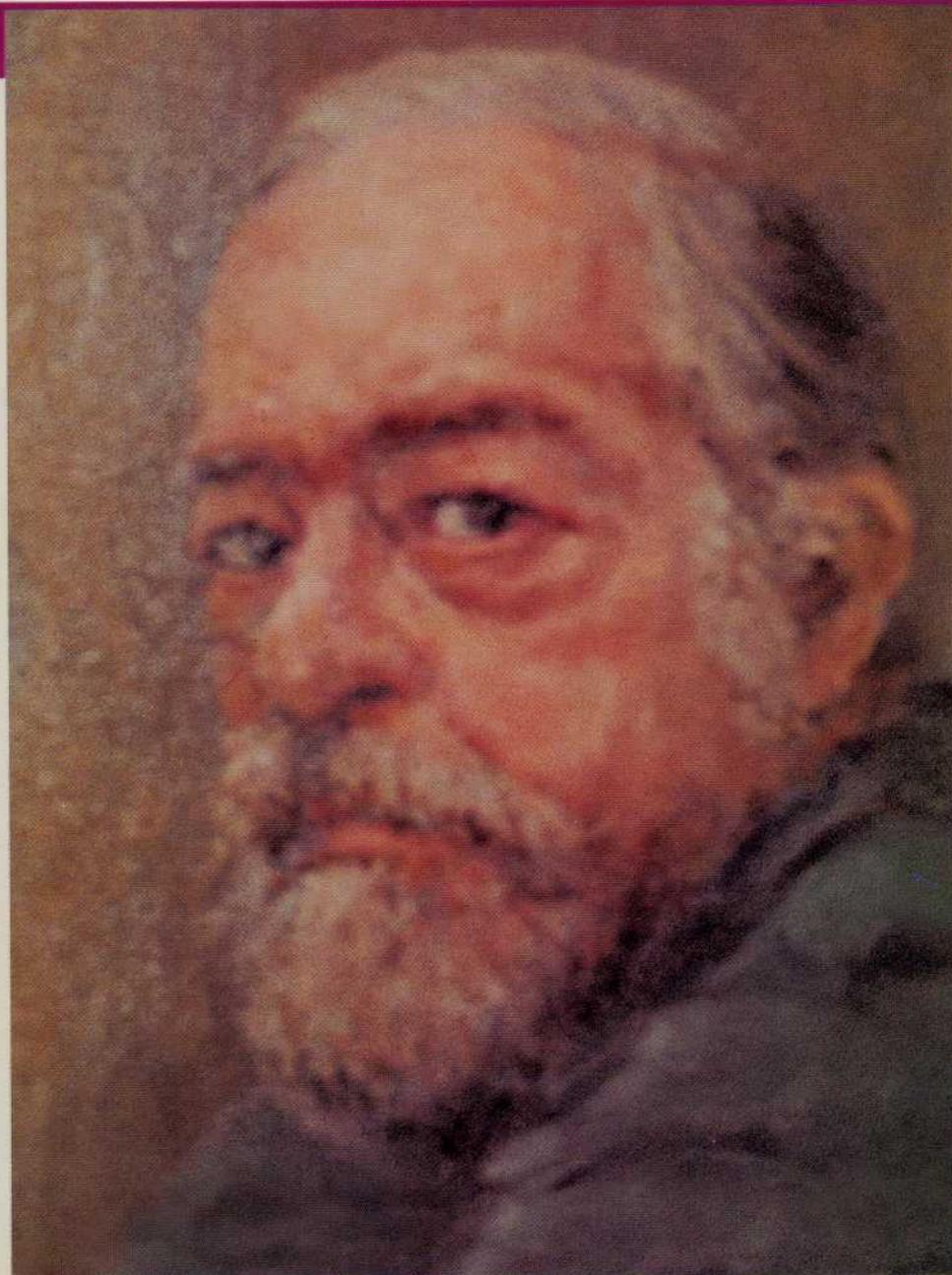
# Poesia

para todos

ANO 1

Nº 2

Preço: R\$10,00 RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL



**Vinicius de Moraes: 20 anos de ausência**  
**“No mausoléu de Alphonsus de Guimaraens” de Augusto Frederico Schmidt**  
**Antologia • Antevéspera do livro • Releitura • Poemas traduzidos • Fala, poeta!**

NESTE NÚMERO: A.B. Mendes Cadaxa / Adelaide Petters Lessa / Afonso Félix de Sousa / Alexandre "Libertário" / Alphonsus de Guimaraens Filho / Ana Elisa Mercadante / Ana Júlia Marinhos / Anderson Braga Horta / Astrid Cabral / Augusto de Abreu / Augusto Frederico Schmidt / Augusto Guimaraens Cavalcanti / Brasigóis Felício / Cassiano Nunes / Cely Vilhena / Cenir Daniel Rodrigues / Ciro José Tavares / Cosme Custódio da Silva / Danilo Gomes / Darcy Denófrio / Edir Meirelles / Emanuel de Moraes / Emil de Castro / Eric Ponty / Felipe de Paula / Fernanda Cristina Soares / Fernando Mendes Vianna / Fernando Py / Francisco Miguel de Moura / Irapuam de Barros Pinto / Joanyr de Oliveira / João Loureiro de Albuquerque / Jorge Luiz Antonio / José Livio Dantas / Júlio de Queiroz / Laene Teixeira Mucci / Lucrecia Martins Rodrigues / Luiz F. Papi / Marcos Costa Filho / Maria do Carmo Ferreira / Maria do Carmo Gaspar de Oliveira / Maria José de Queiroz / Maria Louzada / Maria Lúcia Félix / Mario Basacchi / Marlene Bomtempo / Mariana Vitorino da Silva / Matusalém Dias de Moura / Mauro Salles / Natália Lopes de Paula Andade / Nilto Maciel / Onévio Zabet / Osmard Andrade Faria / Sonia Sales / Xavier Placer / Paulo Celso / Paulo Sousa / Pedro Macário / Rosa Jurandir Braz / Rosângela Campos de Melo / Reynaldo Valinho Alvarez / Sandra Regina Moralles / Sebastião Júnior dos Santos / Sílvio Castro / Sonia Sales / Therezinha Juliana Almeida da Fonseca / Túlio Lopes de Paula Andrade / Vili Santos Andersen / Marcos Costa Filho / Vinicius de Moraes / Waldemar German / Waldir Ribeiro do Val / Waly Salomão / Wanderley Francisconi Mendes / Xavier Placer / Yeda Prates Bernis / Yone Rodrigues.

# RESPONDENDO AO CARTEIRO

Paulo Sousa

**D**iante do mar, o poeta recita ao carteiro um poema de ritmo que reproduz o próprio movimento marítimo. O carteiro diz que, ao ouvi-lo, sentiu-se como um barco jogado entre as palavras. O poeta afirma que ele acabou de inventar uma metáfora. Após o susto com a espontaneidade de sua criação, pergunta o carteiro ao poeta: “quer dizer então que todo o mundo — ou seja, o mar, o céu, as nuvens etc. — pode ser uma metáfora para uma outra coisa?” O poeta estranha a indagação e o carteiro, percebendo sua reação, questiona se não havia dito alguma asneira. Respondendo que não, o poeta levanta-se em direção ao mar e propõe um trato: pensar e responder no dia posterior.

O parágrafo anterior descreve uma cena do filme “O Carteiro e o Poeta” de Michael Radford, onde grande parte do enredo se faz a partir do diálogo pedagógico entre um personagem poeta — Pablo Neruda —, e um personagem aspirante a ser poeta — o carteiro Mario Ruoppolo. Entretanto, ainda que a variedade das metáforas no falar subsequente do poeta possa ser interpretada como insinuante de uma resposta implícita, no restante do filme não se retoma o tema do trato.

Neste artigo, pretendo completar a pedagogia do poeta, oferecendo ao carteiro um argumento explícito, ademais, considerando alguns aspectos da relação entre poesia, metáfora e juízo estético.

Uma metáfora descreve um DOMÍNIO ALVO de coisas a partir de um outro DOMÍNIO FONTE de coisas. Essa descrição é o resultado de uma comparação entre esses dois domínios e da postulação de uma similaridade entre eles. Por exemplo, uma sentença como “o céu está chorando”. Ela pode ser interpretada como uma metáfora que diz estar chovendo. Neste caso, o domínio fonte é o choro e o domínio alvo é a chuva, sendo que a similaridade suposta é A CHUVA É (COMO) UM CHORO. Como também pode ser interpretada como uma metáfora que diz que o homem de olhos azuis está chorando. Neste

caso, o domínio fonte é o céu azul e o domínio alvo são os olhos azuis do homem, sendo que a similaridade suposta é O AZUL DOS OLHOS É (COMO) O AZUL DO CÉU.

A indagação do carteiro poderia receber então a seguinte reformulação: quaisquer coisas podem funcionar como um domínio fonte que descreve metaforicamente outro domínio alvo de coisas quaisquer?

Tirante os casos em que as coisas são idênticas, pode-se dizer que a resposta é positiva. Pois o conceito de similaridade que está na base da definição do termo “metáfora” é vago o suficiente para permitir que qualquer coisa seja similar a outra coisa qualquer em algum aspecto qualquer. Em outros termos, uma afirmação ontológica do tipo “tudo é similar a tudo” é verdadeira, contudo trivialmente verdadeira.

**S**e isso soa antiintuitivo, que o leitor pense, por alguns instantes, se existem similaridades entre coisas bem diferentes. Como, por exemplo, entre um nevoeiro e um gato ou entre almas amantes e um compasso (instrumento de traçar circunferências).

Não parecem existir. Todavia, um nevoeiro avança com o andar cauteloso de um gato, se senta olhando a cidade e depois sai silenciosamente. E duas almas amantes são como as hastes de um compasso: se uma haste se move, a outra também se move, quando uma se afasta a outra se inclina a sua procura e fica ereta quando esta volta para casa. (Duas metáforas semelhantes estão presentes respectivamente nos poemas “Fog” de Carl Sandburg e “A Valediction: Forbidding Mourning” de John Donne.)

Portanto, coisas aparentemente as mais díspares ficam apenas na expectativa de que alguma mente criativa explicita algum aspecto

em que são similares. E aqui reside o fundamento da liberdade do poeta: já que o princípio de similaridade não é restritivo, o mundo torna-se maleável ante seu poder criativo.

No entanto, daí desponta também um problema: como separar, dentre todas as metáforas possíveis, aquelas que servem para fins estéticos? Ou seja, quais as metáforas são meios eficazes para se construir um belo poema?

**E**m outros tipos de afazeres cognitivos, onde os objetivos não são primeiramente estéticos, existem critérios compartilhados para uma tal demarcação de eficácia. Por exemplo, quando o objetivo é didático, uma boa metáfora é aquela que realça os elementos fundamentais do que se quer ensinar, tornando também a explicação mnemonicamente mais atraente. Ou quando o objetivo é científico, uma boa metáfora é aquela que tem vigor heurístico, proporcionando novas previsões na resolução de problemas.

Entretanto, ao contrário, quando o objetivo é evocar um sentimento de beleza, não existem critérios compartilhados e absolutos que assegurem a eficácia de uma metáfora, simplesmente porque esse sentimento é essencialmente relativo: no que um poeta contempla a mais bela e profunda das metáforas, outra pessoa (poeta, crítico literário ou leitor comum) pode perceber a mais tola, mais superficial, mais insignificante.

Por conseqüência, o poeta vive, no âmago de sua criatividade, a dialética entre a liberdade para sua satisfação expressiva e a contingência do juízo estético.

Paulo Sousa, nascido em Brasília, é poeta e antropólogo. Na qualidade de poeta, publicou *Sousa quase sósia* (1995) e apareceu nas antologias *A poesia goiana do século XX* (1997) e *Poesia de Brasília* (1998). Enquanto

antropólogo, é mestre pela UnB, mestre em ciência cognitivas pelo CREA, França, doutorando na Universidade de Michigan, EUA, e tem publicado artigos no Brasil e no exterior. e-mail: psousa@umich.edu